

Prefácio

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.50.1>

Inocência Mata

O livro *African Europeans: An Untold History* (Europeus Africanos: Uma História por Contar), de Olivette Otele (2020), já com uma necessária tradução portuguesa (2022), começa com uma afirmação brutalmente vulgar, quase uma lapalissada, mas que exige ser explicitada: a ideia de que é importante desvelar histórias de pessoas negras na Europa para além da “noção de excecionalismo” com que são lembradas, normalmente como

apenas parte da história mais alargada de uma luta contra a exploração. As ligações entre estas várias histórias foram esquecidas, porque a subjugação física foi acompanhada não só por uma reescrita da história do opressor, mas também por uma modelação da história dos oprimidos. (Otele, 2020, p. 2)

E se a autora afirma mais adiante que “histórias excecionais” servem a construção da identidade, desafiando a obscuridade a que são votadas para as incluir nas narrativas europeias, é importante referir que a participação do negro e do afrodescendente vai além desse campo de atividade, sendo a produção cultural desse segmento também rasurado da história oficial enquanto produção *dos* nacionais.

Como se não fossem sujeitos históricos e atores culturais, mas apenas “objetos socioeconómicos” importados, estrangeiros, portanto.

Porém, não se pode dizer que esta seja uma particularidade da realidade do Reino Unido (Olivette Otele vive e trabalha no Reino Unido). Com efeito, ocorre-me esta “denúncia” da historiadora franco-camaronesa quando se fala, na contemporaneidade pós-colonial portuguesa, da produção cultural – no caso, escrita – de autores de autoria afrodescendente cuja literatura é gerada no chão português, mas que em muitas cabeças, construtoras de cardápios identitários portugueses, (ainda) se pensa como marginal ao sistema literário português. Os próprios escritores não são imunes a esse jogo de espelhos, muitas vezes invertido, como a escritora Yara Monteiro (em entrevista de 2020), que afirma sentir Angola como a mãe e Portugal como a pátria, afirmação que se torna mais clara (ou mais obscura) quando explicita: “as minhas raízes são africanas e as minhas asas são europeias”¹; ou mesmo Djaimilia Pereira de Almeida, escritora (consensualmente) portuguesa, que concorreu a um prémio angolano, o DST/Camões 2020, ao lado de Gociante Patissa, Isaque Cristóvão Cori, Márcio Roberto e Pepetela (que venceu o prémio), todos escritores cuja identidade literária nunca foi ambivalente. Esse jogo entre pertença e identidade vem encontrando respaldo na percepção do “sujeito pós-moderno”, aquele que dinamiza, como considera Stuart Hall (1992/2006), uma “celebração móvel” de identidade, um sujeito “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (pp. 12–13). Nem é despidendo o facto de a obra de Djaimilia Pereira de Almeida privilegiar o deslocamento e o estranhamento (da consciência da diferença), como um *entrelugar* de pertença, identitário, de tensão entre espaços. Os estudos presentes neste livro sobre a obra de Djaimilia Pereira de Almeida falam dessa linha abissal quanto à identidade e à pertença, mas também quanto aos géneros do discurso em que a autora transita e de que dão conta, de forma tão diversa, os autores dos 10 ensaios que compõem este livro, se contarmos a Introdução, curiosamente intitulada “Por uma Ecologia de

1 Yara Monteiro. “As minhas raízes são africanas e as minhas asas são europeias”, entrevista a 7 de dezembro de 2020, por Doris Wieser; transcrição e edição de vídeo: Paulo Geovane e Silva.

Questionamentos e de Encontros”, que vai além do que se esperaria de uma apresentação do conjunto de ensaios, apresentando uma reflexão sobre os vieses epistemológicos do estudo da obra desta autora e oferecendo ao leitor uma análise do romance *Ferry* (2022), precisamente aquele que não foi objeto de nenhum estudo incluído nesta coletânea...

A obra de Djaimilia Pereira de Almeida suscita – e permite – essa discussão, e outras, porque se dispersa por terrenos tão movediços também “[da] cidadania, [da] memória e [da] história”. Uma das abordagens mais *afamiliares* deste livro (aqui como sendo o que é estranho ou desconhecido da autora deste “Prefácio”), a “Análise Lexicométrica de *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida”, da autoria de Carla Sofia Araújo, identificou nove campos temáticos², a partir das respetivas palavras-tema: *família, corporeidade, esperança, diáspora/imigração, casa, amizade, solidão e desigualdade*. Tal perspetiva vai ao encontro de outras anteriores de que se fazem/fizeram as análises da obra *djaimiliana*, seja romanesca, cronística, contística, seja ensaística, moral ou filosófica, seja o diálogo interartes (o diálogo entre palavras, fotografia, desenho e colagem), ainda que concorde com quem afirme não ser possível encerrá-la genealógicamente de forma definitiva, *separável* – termo que a autora *usa* para referir, em “Inseparabilidade” (*Pintado com o Pé*, 2019), “a relação de alguém com o seu país”, mas que parafraseio para referir precisamente as dinâmicas de vasos comunicantes entre os géneros do seu multifacetado discurso narrativo (verbal e imagético), que impõe, por seu turno, um diálogo entre os vários textos. Neste contexto, interessante é ver que *Esse Cabelo*, por exemplo, contém uma ontologia híbrida entre o ensaio e a ficção, desenvolvendo-se como uma intensa projeção autobiográfica e alimentando-se da dinamização das memórias de Mila, que são, afinal, da família vista como metonímia da comunidade. E, embora

² Na verdade, apesar de a própria autora do capítulo, Carla Sofia Araújo, referir oito campos semânticos, o que é corroborado na “Introdução”, considero que são, na verdade, nove na medida em que me parece temerário fazer coincidir *diáspora* com *imigração*: são categorias diferentes que não se sobrepõem senão enquanto falácia quando se fala em deslocamentos de africanos e afrodescendentes (daí falar-se, equivocadamente, em imigrantes de segunda, terceira e quarta gerações!).

um tanto perplexa quanto à ordem da enunciação desses campos temáticos acima referidos (por exemplo, a acoplação do termo *diáspora* ao *imigração* parece-me ilógica, pois a *emigração*, ausente compreensivelmente, é que se poderia referenciar como diaspórica, enquanto *esperança* funcionaria como antídoto da *solidão* e da *desigualdade*, portanto estaria no final da enunciação), considero que tais isotopias constituem, sim, uma síntese, em palavras-chave, da obra *djaimiliana*.

Em boa hora, Sheila Khan e Sandra Sousa, duas investigadoras portuguesas em contínuos trânsitos disciplinares, que se têm revelado muito ecléticas no campo das humanidades (estudos literários e culturais), não apenas pela diversidade de objeto de estudo, mas ainda pelas abordagens que propõem, trazem à luz uma obra dedicada a Djaimilia Pereira de Almeida. Autora de uma literatura que começa a tornar-se visível em Portugal, a literatura de autoria afrodescendente, Djaimilia interpela o passado, trazendo para a cena literária quotidianos cujo entendimento se constrói minerando histórias por norma crepusculares – como em *A Visão das Plantas* ou *Maremoto*. O que *Djaimilia Pereira de Almeida: Tecelã de Mundos Passados e Presentes*, de Sheila Khan e Sandra Sousa, nos apresenta é um diálogo interdisciplinar, que se pode resumir como a “viragem da teoria para a história”, na expressão de J. Hillis Miller³, para me reportar a um antiga, mas não velha, prática nos estudos literários a que Stephen Greenblatt atribuiria, em 1989, uma expressão feliz: “poética da cultura” – uma prática que privilegia a história da sociedade na crítica literária e que considera a historicidade textual.

Porque tudo é história em Djaimilia Pereira de Almeida. O desafio é chegar a essas histórias que (nos) são apresentadas. Os caminhos para destecer os fios destas histórias é o que os autores desta coleção de ensaios nos ajudam a trilhar.

³ Na sua formulação J. Hillis Miller difere do “novo historicismo” por polarizar, não o histórico e o textual, mas o linguístico e o social. Ver Montrose (1989).

Referências

Greenblatt, S. (1989). Towards a poetics of culture. In H. A. Veeseer (Ed.), *The new historicism* (pp. 1–14). Routledge.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (T. T. da Silva & G. L. Louro, Trad.). DP&A. (Trabalho original publicado em 1992)

Miller, J. H. (1987). Presidential address 1986. The triumph of theory, the resistance to reading, and the question of the material base. *Journal PMLA*, (102), 283.

Monteiro, Y. (2021, 14 de outubro). "As minhas raízes são africanas e as minhas asas são europeias", entrevista a Yara Monteiro. *Buala*. <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/as-minhas-raizes-sao-africanas-e-as-minhas-asas-sao-europeias-entrevista-a-yara-monteiro>

Montrose, L. (1989). Professing the Renaissance: The poetics and politics of culture. In H. A. Veeseer (Ed.), *The new historicism* (pp. 15–36). Routledge.

Otele, O. (2020). *African Europeans: An untold history*. C. Hurst & Co.